



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA
CAMPUS III - CENTRO DE
HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-PORTUGUÊS

MARIA CLARA DE FREITAS PEREIRA

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS PERSONAGENS ODISSEU DA
ODISSEIA (HOMERO) E ULISSES DE UMA APRENDIZAGEM OU O
LIVRO DOS PRAZERES (CLARICE LISPECTOR): CONSIDERAÇÕES
SOBRE A SABEDORIA

GUARABIRA
2024

MARIA CLARA DE FREITAS PEREIRA

**ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS PERSONAGENS ODISSEU DA
ODISSEIA (HOMERO) E ULISSES DE UMA APRENDIZAGEM OU O
LIVRO DOS PRAZERES (CLARICE LISPECTOR): CONSIDERAÇÕES
SOBRE A SABEDORIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura Comparada

Orientadora: Profa. Dra. Andréa Morais da Costa Buhler

**GUARABIRA
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P258aa Pereira, Maria Clara de Freitas.

Análise comparativa entre os personagens Odisseu da Odisseia (Homero) e Ulisses de Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres (Clarice Lispector) [manuscrito] : considerações sobre a sabedoria / Maria Clara de Freitas Pereira. - 2024.

26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Andréa Morais da Costa Buhler, Coordenação do Curso de Letras - CH. "

1. Ulisses. 2. Odisseia. 3. Prudência. 4. Educação. 5. Clarice Lispector. I. Título

21. ed. CDD 410

MARIA CLARA DE FREITAS PEREIRA

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS PERSONAGENS ODISSEU DA
ODISSEIA (HOMERO) E ULISSES DE UMA APRENDIZAGEM OU O
LIVRO DOS PRAZERES (CLARICE LISPECTOR):
CONSIDERAÇÕES SOBRE A SABEDORIA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento do Curso de
Letras Português da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduada em Letras
com habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovado em: 07/03/2024

BANCA EXAMINADORA

Andréa Morais Costa Buhler

Profa. Dra. Andréa Morais da Costa Buhler (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente

gov.br

JUAREZ NOGUEIRA LINS

Data: 10/03/2024 22:06:42-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins
Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB)

Olavo Barreto de Souza

Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais.

“E, se elogiar a alma de um de nós, quanto à virtude e sabedoria? Não será que valerá a pena, àquele que o ouvir, dedicar-se a examinar bem o que está a ser elogiado e este não deverá prontamente mostrar-se?”

(Platão, 2010, p. 192)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	UMA ODISSEIA NO LIVRO DOS PRAZERES	9
2.1	Mito das sereias	10
2.2	Odisseia às avessas	12
3	PHRONESIS, OS ANTIGOS E OS MODERNOS	12
3.1	A sabedoria antiga	14
3.2	A sabedoria moderna	17
4	APROXIMAÇÕES E DISTANCIAS: ULISSES X ODISSEU	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERÊNCIAS	24

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS PERSONAGENS ODISSEIA DA ODISSEIA (HOMERO) E ULISSES DE UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES (CLARICE LISPECTOR): CONSIDERAÇÕES SOBRE A SABEDORIA

Maria Clara de Freitas Pereira*

RESUMO

O personagem Ulisses do livro *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, de Clarice Lispector, e Odisseu da *Odisseia*, de Homero, apresentam semelhanças e divergências em vários aspectos. O artigo tem como objetivo explorar essas semelhanças e divergências entre esses personagens a partir do conceito de sabedoria. Nesse sentido, a metodologia do trabalho está baseada no método comparativo em relação à categoria de personagem e na pesquisa bibliográfica, ou seja, no debruçamento sobre material teórico, tendo como hipótese que esses personagens se apresentam como modelos da sabedoria, respectivamente, na Antiguidade e na Modernidade. Ademais, ressalta-se que Ulisses, na obra de Lispector, é sábio de acordo com concepções modernas de educação acadêmico-intelectual, enquanto Odisseu o é por causa da sua prudência, ou seja, por sua virtude (*areté*). Os principais fundamentos teóricos para relacionar os modelos de sabedoria da educação antiga e da moderna, assim como aos personagens estudados, são Aristóteles (2015) com seu conceito de prudência e Max Weber (1979), que aborda a racionalização e a instrumentalização do ensino na modernidade. Também como arcabouço teórico, trouxemos Bakhtin (1998) para abordar as propriedades da epopeia e do romance nesses personagens. Para discutir ideias comparativistas, temos autores como Cerqueira (2020), Dumith (2012), Guimarães (2016), entre outros. Os resultados estão relacionados a como a sabedoria aparece como ponto de interseção entre esses personagens, enquanto os difere. Assim, o foco de análise é o conceito de sabedoria em Ulisses ou Odisseu e como ele se manifesta de maneiras diversas.

Palavras-chave: Ulisses; Odisseia; Prudência; Educação; Clarice Lispector.

ABSTRACT

The character Ulisses from the book *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, by Clarice Lispector, and Odysseus from Homer's *Odisseia*, present similarities and differences in several aspects. The article aims to explore these similarities and divergences between these characters based on the concept of wisdom. In this sense, the methodology of the work is based on the comparative method in relation to the character category and on bibliographical research, that is, on focusing on theoretical material, with the hypothesis that these characters present themselves as models of

* Graduanda em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, E-mail: claradefreitas03@gmail.com.

wisdom, respectively, in Antiquity and in Modernity. Furthermore, it is noteworthy that Ulysses, in Lispector's work, is wise according to modern conceptions of academic-intellectual education, while Odysseus is wise because of his prudence, that is, because of his virtue (areté). The main theoretical foundations for relating the wisdom models of ancient and modern education, as well as the characters studied, are Aristotle (2015) with his concept of prudence and Max Weber (1979), which addresses the rationalization and instrumentalization of teaching in modernity. Also as a theoretical framework, we brought Bakhtin (1998) to address the properties of epic and romance in these characters. To discuss comparativist ideas, we have authors such as Cerqueira (2020), Dumith (2012), Guimarães (2016), among others. The results are related to how wisdom appears as a point of intersection between these characters, at the same time as differentiating them. Thus, the focus of analysis is the concept of wisdom in Ulysses or Odysseus and how it manifests itself in different ways.

Keywords: Ulysses; Odyssey; Prudence; Education; Clarice Lispector.

1 INTRODUÇÃO

O personagem Ulisses, de Clarice Lispector, retoma o antigo mito homérico. Nesse sentido, temos como objetivo explorar as semelhanças e as divergências entre o Ulisses, de Clarice Lispector, e o Odisseu, de Homero, a partir do conceito de sabedoria. Para isso, é imprescindível discutir as comparações mais comuns entre os dois personagens, também a visão de sabedoria, de modo geral, da Antiguidade e Modernidade, assim como o modo em que essas perspectivas estão representadas no texto literário, destacando seus gêneros.

Tendo em vista a importância da literatura comparada para o estudo do texto clariceano, esse trabalho também se faz necessário por tratar de um tópico lacunar nessas pesquisas: o aspecto da sabedoria. Para isso, a metodologia consiste no método comparativo com a categoria de personagem e na pesquisa bibliográfica, a partir da investigação de material teórico, que, nesse caso, consiste principalmente em artigos e livros sobre a temática. A primeira parte trata das duas interpretações mais presentes em pesquisas comparativas sobre *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* e a *Odisseia*; aqui, elas foram chamadas de “Mito das sereias” e “Odisseia às avessas”. Destacam-se nesse momento autores como Cerqueira (2020), Dumith (2012) e Guimarães (2016).

A segunda expõe algumas características essenciais da educação antiga e da moderna, relacionando-as a Odisseu e a Ulisses respectivamente. Os principais fundamentos teóricos para tecer essa relação, são Aristóteles (2015) com seu conceito de prudência e Max Weber (1979), que aborda a racionalização e a instrumentalização do ensino na modernidade. A terceira desenvolve a hipótese principal deste artigo, a ideia de que Ulisses e Odisseu são representantes da sabedoria, porém o primeiro está inserido na concepção atual de uma inteligência intelectual, já o segundo se destaca por suas virtudes, em especial a prudência dentro do sistema de valores da *virtú* grega. Trouxemos também a discussão sobre o gênero épico e o romance, relacionando-os aos personagens estudados, com base nas ideias de Bakhtin (1998) e Auerbach (1971).

Vale ressaltar que durante o desenvolvimento o nome Ulisses se refere ao personagem de Clarice Lispector e Odisseu, unicamente, ao de Homero, com exceção das citações de outros textos. Outra consideração importante é que o termo sabedoria empregado se manifesta de maneiras diferentes no mundo antigo e

moderno, o que abordaremos mais adiante. Nossos resultados estão centrados na ideia de que a sabedoria é, ao mesmo tempo, elemento de semelhança e de diferença entre essas figuras.

Ulisses é personagem do livro *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, publicado em 1969 por Clarice Lispector, que conta a história de Lóri e de Ulisses, um professor universitário de filosofia. Ele a guia em uma aprendizagem para que ela esteja pronta para um relacionamento, pois o medo de sofrer e de amar a impede. Essa narrativa de iniciação amorosa começa com uma vírgula e termina com dois pontos, o que mostra que há uma continuidade dessa história. Já a *Odisseia* de Homero tem como protagonista Odisseu, o rei de Ítaca e soldado da Guerra de Tróia. Após anos longe de casa, Odisseu tenta voltar à sua pátria, mas precisa passar por diversas aventuras até alcançar seu intento; enquanto isso, sua esposa, Penélope, o espera pacientemente e tenta iludir seus pretendentes para se manter fiel ao marido. O herói, com a ajuda da deusa Atena, precisa escapar das sereias, de Caribde, de Calipse e dos ciclopes, entre outras aventuras que precisaram ser enfrentadas com prudência.

2 UMA ODISSEIA NO LIVRO DO PRAZERES

É proveitoso expor comparações já feitas entre os dois livros para que haja uma compreensão mais ampla deste tema. Entre tópicos muito abordados estão o mito das sereias e a inversão de papéis entre Lóri e Ulisses em relação a Penélope e Odisseu. Primeiramente, para entender essas questões é necessário notar a referência principal entre as duas narrativas: o nome. Lóri é o apelido de Loreley, que remete à lenda alemã da sereia que seduzia os navegantes para a morte. O próprio Ulisses, em *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, explica:

É uma pena que seu apelido seja Lóri, porque seu nome Loreley é mais bonito. (...) Loreley é o nome de um personagem lendário do folclore alemão, cantado num belíssimo poema por Heine. A lenda diz que Loreley seduzia os pescadores com seus cânticos e eles terminavam morrendo no fundo do mar, já não me lembro mais de detalhes (Lispector, 1998, p. 98).

Enquanto isso, Ulisses (Odisseu, no grego) é uma referência mais direta ao Odisseu de Homero, símbolo da sabedoria e da racionalidade no Ocidente. De acordo com Emília Amaral (2007), “Ulisses, o professor de filosofia, cujo nome evoca o herói grego que empreende a travessia marítima e graças a sua inteligência, consegue

resistir ao canto mortal das sereias é quem seduz Lóri no romance.” Então, pode-se notar o que será o ponto central do artigo, a inteligência de Ulisses, e o início de uma abordagem sobre o mito das sereias; desde os nomes, Ulisses é uma figura racional e Lóri é associada às paixões. Ao relacionar as alcunhas a esses aspectos, Ana Maria Agra Guimarães (2016, p. 53) afirma:

Os nomes Ulisses e Loreley não foram escolhidos ao acaso, certamente. Trata-se de uma escolha que aponta a estrita vinculação desta narrativa com o saber mítico, com os arquétipos de homem e mulher, com os símbolos da astúcia e da sedução da palavra e do canto, do mar e da viagem. Ulisses remete à épica grega, a Odisseia. É o personagem de Homero (2005) que empreendeu sua viagem à Ítaca, que confrontou-se com a deusa Circe, que resistiu à tentação das sereias, que recusou a Flor de Lótus, ou seja, Ulisses usou a vontade, a razão, dominando suas paixões.

A partir dessa ideia, pode-se aprofundar a discussão a partir das duas visões propostas aqui, a do “Mito das sereias” que trata da sedução de Lóri por Ulisses e a da “Odisseia às avessas” que mostra o caminho de Odisseu sendo percorrido por Lóri em uma inversão de papéis.

2.1 Mito das sereias

O mito das sereias na *Odisseia* faz referência ao episódio em que Odisseu pede que seus companheiros o amarrem em um mastro para que ele possa escutar o canto das sereias sem ser seduzido por elas. O protagonista toma essa atitude após o conselho de Circe no canto XII: “Quem quer que, por ignorância, vá até às Sereias, e o canto/ delas ouvir, nunca mais a mulher nem os tenros filhinhos/ hão de saudá-lo contentes, por não mais voltar para casa.” A feiticeira ainda frisa que seus companheiros devem ter os ouvidos tapados por cera, mas Odisseu poderá escutar o canto se seus sócios o amarrassem ao mastro do navio. Assim, ele próprio conta que as Sereias se dirigiram a ele dizendo:

Vem para perto, famoso Odisseu, dos Aquivos orgulho,
traz para cá teu navio, que possas o canto escutar-nos.
Em nenhum tempo ninguém por aqui navegou em nau negra,
sem nossa voz inefável ouvir, qual dos lábios nos soa.
Bem mais instruído prossegue, depois de se haver deleitado
(Homero, 2015, p. 208).

Dessa forma, nota-se a tentativa de sedução que as Sereias operam. Outros elementos dessa cena também são interessantes, como a prudência de Odisseu ao não desconsiderar os conselhos de Circe e o mastro no qual o navegante é amarrado.

De acordo com Costa (2018, p. 256-257), o mastro é o símbolo da razão de Odisseu; ao contrário das sereias que significam um convite ao puro prazer. A partir disso, pode-se relacionar esse mito e seus aspectos ao livro de Clarice.

Em *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, os papéis se invertem e a função da sereia agora é de Ulisses, ele diz para Lóri após explicar a origem do nome Loreley: “Não, não me olhe com esses olhos culpados. Em primeiro lugar, quem seduz você sou eu. Sei, sei que você se enfeita para mim, mas isso já é porque eu seduzo você” (Lispector, 1998, p. 98). Então, o professor, mesmo que associado a razão, é quem seduz Lóri e ela é quem precisa aprender a dominar suas próprias paixões. Na *Odisseia*, é Odisseu quem precisa desse autodomínio para não ser levado pelas sereias e ele se mantém firme no mastro, ou seja, fiel a sua razão. Dumith, em sua tese de doutorado, explica bem esse ponto:

(...) no que concerne ao canto, acontece uma profunda subversão. Lóri, além de não cantar, não utiliza sua voz para intentos enganadores. A procura das respostas para suas questões e a catábase que empreende visando ao autoconhecimento acontecem em silêncio, pois “o silêncio é a profunda noite secreta do mundo” (LISPECTOR, 1998d, p. 36-37), condição ideal para a introspecção (Dumith, 2012, p. 98).

Lóri que precisa passar por uma aprendizagem e dominar seus instintos como fez Odisseu, já Ulisses tenta envolvê-la com seu canto como fazem as sereias. Outra relação com esse mito é a cena em que Lóri resolve ir ao mar às cinco e dez da manhã, momento em que muitas pessoas ainda dormem, para encontrá-lo deserto; nisso, ela fez “um perigo. Um perigo tão antigo quanto o ser humano” (Lispector, 1998, p. 81), pois essa ação exigiu coragem e ousadia. Desse modo, ela “sentia-se mais segura por ter entrado no mar sozinha” e diz animada a Ulisses: “Um dia eu fui de madrugada ao mar sozinha, não tinha ninguém na praia, eu entrei na água, só tinha um cachorro preto mas longe de mim!”. Cerqueira explica essa vitória:

(...) naquela mesma noite, sob o efeito de sedução desperta duramente a cena da piscina, Lóri decide sucumbir e entregar-se ao mar, momento crucial de subversão mítica, tendo em vista ser a “sereia” a afogar-se e a morrer nas águas infundas da aprendizagem, cujo mergulho em si mesma, como mencionamos há pouco, é simbólico e marca o renascimento da personagem (...) (Cerqueira, p. 176).

Lóri se entrega ao mar como se entrega ao autoconhecimento proposto por Ulisses e se orgulha disso. Essa ação relaciona Lóri às sereias que faziam os homens também se entregarem ao mar. Infere-se que Lóri é seduzida pelas palavras de um

professor, assim como Odisseu quase foi pelo canto das sereias e como Eva é pela serpente no Jardim do Éden, todos os episódios se resumem, de acordo com Meneses (2020, p. 76), a uma sedução pelo saber. Nesse sentido, Cerqueira diz:

Em suma, Ulisses, navegante, foi quem seduziu a sereia com seu canto e convidou-a para o mergulho. Lóri, sereia, fora definitivamente seduzida e mergulhara para a morte, em busca do renascimento. Ao renascer, provou do fruto proibido e atingiu a plenitude do autoconhecimento, adentrando o paraíso. Evidencia-se, com isto, a presença residual de imaginários pertencentes a diferentes mitologias, que comparecem de forma subvertida, com seus significados reorganizados em nova configuração dentro do romance clariceano (Cerqueira, p. 178).

É possível observar que a ideia de inversão no mito das sereias é corroborada pela entrada de Lóri no mar. “Assim, a lenda se inverte e o poder do poético canto das sereias transforma-se no poder das palavras de um professor de filosofia” como disse Amaral (2017, p. 104); então já pode-se tratar na inversão de papéis na trajetória de Lóri e Ulisses.

2.2 Odisseia às avessas

Em *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, a odisseia é de Lóri. A personagem precisa passar por uma viagem e aprender a dominar suas paixões do modo que Odisseu fez. A diferença é que sua aventura é interna; ela, com seu medo de sofrer, rejeita o amor, mas resolve partir para essa jornada com o auxílio de Ulisses. Sua insegurança era tanta que, em uma oração, ela pede que Deus a faça sentir que “amar não é morrer, que a entrega de si mesmo não significa a morte (...)” (Lispector, 1998, p. 56). Ulisses está disposto a esperar que Lóri passe por uma odisseia interna, então às avessas, até que ela esteja pronta para um relacionamento. Ao lembrar o dia em que a conheceu, ele diz:

Foi apesar de que parei na rua e fiquei olhando para você enquanto você esperava um táxi. E desde logo desejando você, esse teu corpo que nem sequer é bonito, mas é o corpo que eu quero. Mas quero inteira, com a alma também. Por isso, não faz mal que você não venha, esperarei quanto tempo for preciso (Lispector, 1998, p. 26).

Ele deverá esperar por ela, assim como Penélope esperou pacientemente por Odisseu. Lóri “inteira, com a alma também” é aquela que ama com a alma, ou seja, sem ressalvas sobre o sofrimento, pois o sofrer está presente na maioria das relações. Ulisses ressalta algumas vezes o problema que é ter medo de amar. O professor de filosofia diz que eles não têm se amado acima de todas as coisas e que não se

entregam a si mesmos, pois “isso seria uma vida larga e nós a tememos”. A proposta apresentada a Lóri é simples e ao mesmo tempo difícil: viver sem uma busca incansável por segurança. Sobre isso, Guimarães (2016, p. 55) defende: “Já Ulisses, tal qual o herói da Odisseia, deverá saber renunciar ao prazer imediato. Esperará que Lóri esteja pronta para o amor, e para auxiliá-la (...)”.

Nessa aprendizagem, Lóri é Odisseu e Ulisses é Penélope, a que esperou o amado por anos. A odisseia é interna e mostra a tentativa de Lóri de amar com a alma. Além disso, existe outro aprendizado que ela precisa para estar pronta: preferir a alegria à uma dor morna. Apesar de temer o sofrimento, ela escolhe a dor morna ao invés de uma alegria que a coloque em perigo, ou seja, ela também tem medo dos prazeres, então Ulisses pergunta a ela em um encontro no bar: “você sente que há mais segurança na dor morna? Ah Lóri, Lóri, você não consegue recuperar, mesmo vagamente, na lembrança da carne, o prazer que pelo menos no berço você deve ter sentido por estar? Por ser?” (1998, p. 59).

Depois do silêncio de Lóri, ele infere que ela é “das que precisam de garantia”. Esse também é um obstáculo a ser superado, pois como ela poderia amá-lo sem estar disposta a correr o risco de sofrer e a ser verdadeiramente alegre? Ulisses a espera justamente para que ela possa amá-lo. Guimarães explica bem:

A espera de Ulisses possibilitará a Lóri o abandono das máscaras, das precauções exageradas em relação à dor e ao amor, auxiliando-lhe a vivenciar a alegria “apesar de”, a construir pouco a pouco uma vida. (...) Sair de si mesmo, não ter como guia apenas a natureza, significa para Lóri um processo de identificação com o objeto de amor e mestre (Guimarães, 2016, p. 56).

Após exemplificar a odisseia às avessas de Lóri e a espera de Ulisses, é proveitoso ressaltar um ponto de encontro entre Lóri e Penélope e de distanciamento entre Ulisses e Odisseu. De acordo com Meneses (2020, p. 82), Lóri tece como Penélope, mas as sensações estão no lugar dos tecidos:

(...) *faz de conta que fiava com fios de ouro as sensações (...)*, faz de conta que amava e era amada, faz de conta que não precisava morrer de saudade (...), faz de conta que vivia e não que estivesse morrendo pois viver afinal não passava de se aproximar cada vez mais da morte, faz de conta que ela não ficava de braços caídos de perplexidade quando os *fios* de ouro que fiava se embaraçavam e ela não sabia desfazer o fino *fio* frio, faz de conta que ela era sábia bastante para desfazer os nós de corda de marinheiro que lhe atavam os pulsos (...) (Lispector, 1998, p. 14 destaques nossos).

Lóri “faz de conta” e assim lida com seus medos, como o de se aproximar da morte ao viver. Ela finge que não precisava morrer de saudade, mesmo que agora ela não espere o amado como Penélope fez. Outras aproximações com a *Odisseia* está nos “nós de marinheiro que lhe atavam os pulsos” que estão presentes de forma física no canto XII da epopeia, quando Odisseu escapa das sereias. Esse Odisseu volta para casa da forma que saiu, um guerreiro e navegante virtuoso, mas sem grandes mudanças nem muita complexidade. Já Ulisses apresenta um desenvolvimento, sua mudança não é tão significativa quanto a de Lóri, mas é contrastante com a estabilidade de Odisseu. Auerbach afirma:

Aquiles e Ulisses são descritos magnificamente, por meio de muitas e bem formadas palavras, carregam uma série de epítetos, suas emoções manifestam-se sem reservas nos seus discursos e gestos - mas eles não têm desenvolvimento algum e a história das suas vidas fica estabelecida univocamente. (...) Para além do físico, nem sequer se faz alusão a outra coisa, e, no fundo, Ulisses é, quando regressa, exatamente o mesmo que abandonara Ítaca duas décadas atrás (Auerbach, 1971, p. 14).

Odisseu é admirado pelos gregos por ser virtuoso e Ulisses o é por Lóri através da sua complexidade de mestre. O primeiro é um ideal dos gregos antigos e o segundo, um representante do homem moderno. Isso está refletido nas concepções de educação e sabedoria de cada época e se reflete na questão do gênero épico e romance. É instrutivo lembrar que Bakhtin, em seu ensaio *Epos e romance* aborda a epopeia como um gênero acabado e de maneira absoluta e perfeita, de modo que: “(...) para a visão do mundo épico, o começo, o primeiro, o ancestral, o predecessor etc, não são categorias apenas temporais, mas igualmente axiológicas e temporais (...)” (1998, p.407). E o teórico acrescenta que neste passado tudo é bom, e que só o passado é a única fonte e origem de tudo. A tradição do passado é sagrada, assim como a faculdade da memória se apresenta como sabedoria absoluta. Já, diz Bakhtin, “a experiência, o conhecimento e a prática (o futuro) definem o romance” (1998, p. 407).

3 PHRONESIS, OS ANTIGOS E OS MODERNOS¹

3.1 Sabedoria antiga

¹ Termos como modernos ou modernidade estão aqui relacionados à ideia de modernidade, do sociólogo Max Weber. Logo, não denota superioridade nem se limita aos períodos históricos abordados na historiografia tradicional.

Os primeiros documentos que registraram a educação grega são os escritos de Homero. Essa educação visava uma formação integral do indivíduo e, para isso, os heróis homéricos apresentaram um modelo ideal do homem grego, logo os jovens deveriam buscar as virtudes portadas por Aquiles e por Odisseu. Dessa forma, a educação era aristocrática, ou seja, visava a formação do ser humano a partir dos modelos nobres de Homero. Jaeger, no seu livro *Paideia*, explica que as duas epopeias homéricas são essenciais para a compreensão da educação do período:

O testemunho mais remoto da antiga cultura aristocrática helênica é Homero, se com este nome designamos as duas epopéias (sic): a *Iliada* e a *Odisseia* (sic). Para nós, ele é ao mesmo tempo a fonte histórica da vida daqueles dias e a expressão poética imutável dos seus ideais (Jaeger, 1995, p. 25-26).

Então, é possível afirmar que Odisseu é um retrato do que visava a educação grega, sendo importante caracterizá-lo nesse aspecto. Ele entendia sobre manejo de armas e da oratória, era um guerreiro corajoso e forte, possuía ousadia, nobreza, bravura, sabedoria, astúcia, reverência aos deuses e descendia de uma linhagem nobre, todas essas características o transformam em modelo para os meninos gregos. Em consonância com Antônio Joaquim Severino (2006, p. 623), a educação da Grécia Antiga existia sob o signo da ética, ou seja, incentivava a busca pelas virtudes; a partir disso, infere-se que Odisseu era o ideal dos valores que guiaram a civilização grega. De acordo com Assunção, o herói homérico é tido:

No tocante aos aspectos éticos, é preciso ressaltar que a própria *Iliada* e a *Odisseia* se constituíram como manuais morais, que ensinavam por meio dos exemplos dos heróis que lá eram apresentados, com vista a criar no futuro um herói guerreiro com determinados valores, atitudes e ideias. Incitavam os jovens a adquirirem virtudes modelares tais como a honra, a bondade, a nobreza, a coragem; e ao mesmo tempo indicavam como deveria ser o comportamento ideal, enaltecendo o gesto de reverência aos deuses, o respeito aos estrangeiros, aos seus antepassados e à sua pátria (Assunção, 2016, p. 294).

A virtude que será destacada e relacionada à sabedoria nesse artigo é a prudência, pois segundo Jaeger (1995, p. 27), “a *Odisseia* (sic) exalta, sobretudo no seu herói principal, acima da valentia que passa a lugar secundário, a prudência e a astúcia”. Nesse contexto, a visão hodierna de virtude e, principalmente, da prudência remonta ao pensamento aristotélico no livro “*Ética a Nicômaco*”. É importante ressaltar que Aristóteles e Homero não viveram na mesma época. As epopéias foram escritas entre 1100 e 800 a.C, enquanto o filósofo nasce apenas em 384 a.C. (Bortolini; Nunes, 2018, p. 30), mas Jaeger diz sobre a aproximação entre Aristóteles e Homero:

(...) Aristóteles, como os Gregos de todos os tempos, tem muitas vezes os olhos postos em Homero e elabora os seus conceitos de acordo com esse modelo. Por isso, ele está quase sempre mais próximo do que nós de compreender profundamente o pensamento da Grécia antiga (Jaeger, 1995, p. 33-34).

O conceito trabalhado por Aristóteles que mais se aproxima de Odisseu é o de prudência, como já foi dito. Phronesis ou prudência também pode ser conhecida como sabedoria prática, pois consiste na capacidade de deliberar bem, ou seja, refletir sobre as escolhas a serem tomadas e enxergar as coisas boas em si mesmas. Em uma definição mais simples, C.S. Lewis, escritor do século XX, define a prudência como “o bom e prático bom senso, dar-se ao trabalho de pensar antes de agir e refletir sobre as prováveis consequências das nossas ações”. Então, Odisseu delibera sobre o que pode acontecer caso ele tome decisão A ou B e assim derrota os troianos com o cavalo de Tróia (episódio da *Eneida*, de Virgílio), engana o Ciclope Polifemo, escapa das sereias e castiga os pretendentes de Penélope. Aristóteles define a sabedoria prática através do homem que a possui, dizendo que:

Parece que é próprio de um homem dotado de sabedoria prática ser capaz de deliberar corretamente sobre o que é bom e vantajoso para si mesmo, não de uma parte, (como, por exemplo, quais tipos de coisas são favoráveis para a saúde ou para o vigor do corpo), mas de uma maneira geral, quais tipos de coisas, por exemplo, conduzem para uma vida feliz. Uma prova é que também atribuímos a sabedoria prática a um homem, sob determinado aspecto, quando ele calculou bem, tendo em vista atingir um fim digno de nota, que não se inclui entre aqueles que são objeto da arte (Aristóteles, 2015, p. 158).

W. Jaeger chega a defender uma tese de separação entre sophia e phronesis, ou seja, uma divisão entre sabedoria e prudência, porém existem diversas críticas a essa ideia e muitos “(...) acreditam (...) que a prudência será um sucedâneo, o substituto imperfeito de uma sabedoria mais que humana. Aristóteles, conforme a crítica, não opõe sabedoria à prudência, mas mantém ambas, a vocação contemplativa e a vida prática.” (Campelo, 2014, p. 23). A diferença está na contingência em que a prudência se move, pois como foi dito ela trata do que não necessariamente existe, do que será deliberado e a sabedoria pode tratar de questões que são imutáveis.

Para Aristóteles, a virtude está entre dois extremos e de acordo com Christian Werner (2005, p. 22), “é nesse sentido que a faculdade principal desse herói, a astúcia (mêtis), tem uma “voz média”. Ela exige atividade e passividade ao mesmo tempo. Odisseu, de fato, usa de ambos, tanto no seu retorno quanto em Ítaca”. Pode-se,

então, concluir que a sabedoria de Odisseu, a prudência conceituada por Aristóteles e os valores da Paideia estão intimamente relacionados.

3.2 Sabedoria moderna

A educação moderna não possui uma relação forte com a virtude como a antiga representada por Odisseu, então Ulisses, um professor universitário de filosofia, está inserido em um contexto educacional muito divergente da Paideia. Max Weber foi um sociólogo que estudou diversos fenômenos da modernidade, principalmente os que eram frutos do capitalismo. Diferente de Karl Marx, ele enxergava o capitalismo como fruto de um ideal, que promovia uma “racionalização” de vários âmbitos da sociedade e isso também se aplicava à educação. Sobre esse tema, ele defende que:

As instituições educacionais do continente europeu, especialmente as de instrução superior — as universidades, bem como as academias técnicas, escolas de comércio, ginásios e outras escolas de ensino médio — são dominadas e influenciadas pela necessidade de tipo de “educação” que produz um sistema de exames especiais e a especialização que é, cada vez mais, indispensável à burocracia moderna (Weber, 1982, p. 277).

Então, o objetivo não é mais alcançar as virtudes, mas buscar o que se adapta melhor à burocracia moderna. Ulisses não se destaca por ser virtuoso, mas por ser um professor universitário, “um dos melhores professores da faculdade”, como ele mesmo diz. Esse professor, sendo a representação da inteligência em “Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres”, também é um retrato de uma educação burocrática como Odisseu era da Paideia. Esse fenômeno acontece por causa de um processo de racionalização como é explicado por Sell:

Portanto, todas as vezes em que discorre sobre a educação ocidental (helênica, medieval e moderna), Weber insiste nas características racionais desta última. Na Grécia, pelo seu caráter leigo e filosófico; na Idade Média pelo seu caráter prático e; finalmente, na idade moderna pelo seu caráter técnico. Em suma, o processo histórico de desenvolvimento da educação no Ocidente também é pensado por Weber em termos de um “processo de racionalização” (Sell, 2002, 213-214).

A educação atual valoriza os boletins, os certificados e os diplomas; geralmente, quanto mais especializado, melhor. Ulisses é um homem inteligente, porém isso é exposto pelo seu cargo de professor e não por suas virtudes, há também uma diferenciação entre Ulisses e Lóri por causa disso, pois a posição de professor universitário é mais valorizada do que a de professora primária, ocupada por Lóri. É

vista então essa burocratização da educação através de cargos bem delimitados e das especializações, esse processo é abordado:

Assim, numa sociedade capitalista-racional-burocrática, os indivíduos se diferenciam pelas suas qualificações existindo funcionários especializados e profissionais informados. Esse processo é crescente na burocratização das sociedades, tanto nas instituições como nos sistemas educativos, pela diversificação de formas de educação (Bélens; Duarte; Souza, [S.l]).

Dessa forma, a educação moderna se mostra muito divergente da antiga, assim como Ulisses de Odisseu. Nesse sentido, Ulisses é um personagem altamente complexo, o que Cândida Vilares Gancho (2006, p. 21-22, destaques da autora) chama de personagens redondas, ou seja, “são mais complexas que as planas, isto é, apresentam uma quantidade maior de *características*” que podem ser físicas, psicológicas, sociais, ideológicas e morais. O relacionamento amoroso, recebe, então, muito destaque junto com a vida docente de Ulisses. É dito que:

(...) era como se ele quisesse que ela aprendesse a andar com as próprias pernas e só então, preparada para a liberdade por Ulisses, ela fosse dele – o que é que ele queria dela, além de tranquilamente desejá-la? No começo Lóri enganara-se e pensara que Ulisses queria lhe transmitir algumas coisas das aulas de filosofia mas ele disse: “não é de filosofia que você está precisando, se fosse seria fácil: você assistiria às minhas aulas como ouvinte e eu conversaria com você em outros termos”, (Lispector, 1998, p. 16).

Portanto, podemos enxergar que esse é um personagem que, apesar de inserido em uma sociedade burocrática, apresenta vários aspectos do seu “eu”. Aprofundaremos esse ponto para trazer à tona essas semelhanças e diferenças no texto literário de modo mais específico no próximo tópico.

4 APROXIMAÇÕES E DISTÂNCIAS: ULISSES X ODISSEU

Segundo Emilia Amaral (2017, p. 104), o Ulisses de Clarice evoca o maior símbolo da inteligência do mundo ocidental, o próprio Odisseu. A partir disso, surge o tema central desse texto: se Ulisses evoca Odisseu, quais as semelhanças e diferenças entre eles no que diz respeito ao aspecto da sabedoria? Um dos principais pontos abordados com fundamento aristotélico é a virtude de Odisseu e há diversos autores que ressaltam quão virtuoso é esse personagem. Em “Carta aos jovens sobre a utilidade da literatura pagã”, Basílio explica:

Ouvi um homem hábil a explicar o sentido dos poetas; falava que toda a poesia de Homero é um elogio à virtude, que tudo aquilo que não é pura fantasia conduz a este fim. Temos um belo exemplo no chefe dos

cefalenianos, que sai nu de um naufrágio, estando coberto apenas pela sua virtude, sua mais bela veste. Longe de ser exposto à vergonha, inspira antes o respeito de uma jovem princesa, e em seguida dos outros feácianos, que por ele tinham tanta veneração que, sem pensar em luxos ou riquezas, tomam-no como modelo e apressam-se a imitá-lo; não queriam ser nada mais do que aquele Ulisses saído das ondas num estado miserável após o naufrágio (Basílio, 2012, p. 40).

Esse episódio acontece após o naufrágio de Odisseu, chefe dos cefalenianos, em que ele é recebido entre os Feácios mesmo na sua situação precária com a ajuda da princesa (canto VI). Até nessa situação, ele é visto como virtuoso e ainda mais nos momentos em que, após ser resgatado, conta aos feácios suas aventuras. É útil tratar de algumas delas para exemplificar a prudência de Odisseu. O que já foi abordado é o episódio das sereias (canto XII) em que o herói quer ouvir o canto das sereias, porém possui a precaução de ser amarrado ao mastro pelos seus companheiros.

No canto IX, Odisseu conta como enganou Polifemo, um ciclope. Quando ele e seus companheiros chegam à ilha dos ciclopes e adentram a gruta de Polifemo, o herói diz: “Em pouco tempo chegamos à gruta, mas não o encontramos/ dentro; levava a pascer pelo prado suas pingues ovelhas./ Dentro da gruta, tomados de espanto, admirávamos tudo.” Após apascentar o rebanho, o ciclope volta e fecha a entrada de sua gruta com uma grande pedra; a amizade dos deuses seria inútil para Odisseu, pois os ciclopes não têm receio de “Zeus poderoso, nem dos mais deuses beatos”, sua força física também não auxiliaria o herói, porque os ciclopes são “mais fortes que todos”. Portanto, o que resta é fazer uso da sua inteligência.

“Quando o ciclope acabou de entupir a monstruosa barriga com carne humana” (canto IX), ou seja, após matar e comer companheiros de Odisseu, o guerreiro pensa em usar a sua força, mas escolhe ser prudente e deliberar sobre sua situação, então “nesse momento ocorreu-me no peito magnânimo a ideia/ de aproximar-me do monstro e sacar do meu gládio cortante,/ para enterrar-lhe no peito, onde o fígado se acha encoberto,/ logo que o houvesse apalpado”, porém ele diz que “outras razões me tolheram.”

A partir disso, ele planeja uma forma de enganar Polifemo e de escapar. Resolve deixar o ciclope embriagado com vinho a fim de, com maior facilidade, cegar o único olho do monstro. Depois de oferecer o vinho, Odisseu mente ao dizer que seu nome é Ninguém e enquanto o ciclope dormia por causa da bebida, o herói e seus companheiros empurram um pau de oliveira quente no olho de Polifemo. Com dor, ele urra, chama os outros ciclopes e diz que “dolosamente Ninguém quer matar-me; sem

uso de força”, outros ciclopes, pensando que Ninguém se refere a pessoa nenhuma, não auxiliam Polifemo. Quando este abre a entrada da gruta, Odisseu foge escondido em um carneiro.

Finalmente, já a distância, Odisseu revela a sua identidade e Polifemo responde:

Ai, em verdade atingiu-me veraz predição, muito antiga!
Antigamente aqui havia adivinho muito bom e grande,
Télemo, de Êurimo filho, excelente em fazer vaticínios,
que entre os ciclopes chegou a velhice prevendo o futuro.
Ele, de fato, predisse que havia de dar-se tudo isto:
que pelas mãos de Odisseu eu seria privado da vista.
Mas sempre fui de pensar que indivíduo de bela estatura
fora o que viesse aqui ter revisto de força gigante;
e eis que da vista me priva um sujeito pequeno e sem força,
um coisa-alguma, depois de me haver pelo vinho domado
(Homero, 2015, p. 167).

Pode-se notar que a tábua de salvação de Odisseu é a sua prudência. Polifemo esperava ser derrotado pelo uso da força e é surpreendido pela inteligência de Odisseu. Murari e Pereira Melo defendem que:

A maior arma de Ulisses é a razão, não a razão que seria desenvolvida posteriormente pela filosofia, mas uma razão estritamente ligada à prudência, a engenhosidade, a percepção. Ulisses é astuto, e sagaz, e através desses atributos que ele se mantém vivo, como no episódio em que engana Polifemo (Murari; Pereira, 2009, p. 8).

Outro episódio importante é o da vingança de Odisseu. Ele consegue voltar a Ítaca, mas não vai à sua casa imprudentemente; ao invés disso, ele conquista a confiança de Telêmaco e de Eumeu, um pastor, e vai ao palácio disfarçado de mendigo. Assim, ele pôde testar a lealdade de seus servos, a fidelidade de sua esposa e medir a culpa dos pretendentes de Penélope para só então se vingar. Isso tudo é feito com o auxílio de Atenas, deusa da sabedoria, que esteve ao lado de Odisseu desde a Guerra de Tróia. Martins resume essa questão ao dizer que:

A última parte da jornada do herói, o retorno, é também sua maior prova moral e física, pois deve expulsar os pretendentes que tomaram conta de seu lar, desrespeitando-o, além se recuperar o amor de Penélope. Ulisses é tomado por enorme desejo de vingança contra seus oponentes, mas tendo aprendido a lição de se conter ante a impetuosidade e a usar a sabedoria, é instruído por Atena a entrar disfarçado como velho mendigo no lar, para testar seus rivais e deles se vingar no momento oportuno (Martins, p. 11).

Em uma análise rápida, pode-se perguntar se essas ações não seriam futuro de uma loucura de Odisseu, já que todas elas são arriscadas. Contudo, no diálogo

platônico “Hípias Menor” (2020, p. 285), Sócrates, em uma conversa sobre Odisseu e Aquiles com Hípias, pergunta se “são mais hábeis e enganadores devido à estupidez e à loucura ou devido à astúcia e a uma espécie de inteligência?” e Hípias responde que é “com toda certeza à astúcia e à inteligência”. Sócrates concorda, e eles concluem que só alguém muito ciente do que faz pode causar danos.

Odisseu sempre é chamado de “Odisseu, engenhoso” durante a narrativa, pois sua inteligência é indissociável da engenhosidade, da astúcia e da prudência, representando a Paideia. Sobre isso, podemos concluir que ele “se consagrou um homem com desenvolvimento integral, sua virtude intelectual resplandecia na inteligência, prudência e astúcia” e “nos mares ou em terra, o herói era multifacetado, ou seja, multiengenhoso.” (Antunes; Rosa; Silva, 2020, p. 100768).

Ulisses em *Uma Aprendizagem ou O livro dos Prazeres* também é um homem inteligente, porém não representa um ideal virtuoso. Em consonância com Campelo (2014, p. 35), as pessoas inteligentes são capazes de exercitar sua racionalidade e fazem o uso da sua capacidade para avaliar circunstâncias. Nessa definição, Odisseu e Ulisses se encaixam, mas em uma breve análise já é possível notar algumas divergências mesmo no aspecto de suas “sabedorias”, que é o foco deste artigo. Em uma conversa com Lóri, Ulisses deixa claro que o seu cargo de professor de filosofia não é a sua vida integral, mas há uma separação, ele diz:

Eu, por exemplo, suponho ser um dos melhores professores da faculdade. Primeiro porque a matéria sempre me apaixonou e eu esperava dela que me respondesse a perguntas, que me fizesse pensar. Tenho um prazer enorme de pensar, Lóri. Mas eu também vivia, e continuo vivendo agora (Lispector, 1998, p. 92).

Ele critica o fato de Lóri ter medo da vida e por isso “ter se dedicado encarniçadamente ao estudo”. Note que essa separação entre sabedoria e vida prática não acontece na Odisseia, pois a desagregação é um fenômeno moderno; Odisseu era um ideal de homem que vive de forma integral, inteligente por ser virtuoso sem possuir relação alguma com cargos ou diplomas. Odisseu não separa sua vida “profissional” da sua sabedoria ou da sua vida pessoal, tudo está integrado de maneira perfeita: ser guerreiro, prudente e bom esposo são manifestações de sua virtude, imanentes ao gênero antigo. Bakhtin (1998) entende a epopeia como gênero harmonioso, como entidade orgânica de ordem superior onde os personagens estão fixados e definidos. Assim a sua ação corresponde completamente à vida exemplar.

Já no romance de Lispector, Ulisses se insere no fluxo do presente da vida, questionando e aprendendo. Há uma problemática, um inacabamento que introduz a vida no presente, ao contrário do passado, cuja heroificação épica é a fonte de todo prestígio.

Talvez, o leitor espere de Ulisses um homem que fale sempre em tom professoral ou cujas interações sejam sempre baseadas em ideias filosóficas, mas não é isso que ocorre. É dito que ele “não tinha ar doutoral, parecia mais com um estudante que fosse mais velho, e que suas palavras não vinham de livros e sim da vida que ele adivinhava plena” (Lispector, 1998, p. 64). De modo que conhecemos o personagem no *decorrer* da narrativa, então não temos alguém pronto e acabado como na epopeia homérica.

Isso também pode ser observado em outras comparações entre heróis épicos e protagonistas de romances modernos. Para Bakhtin (1998, p. 423-424), o herói épico segue as características da epopeia e é “concluído num alto nível heróico, mas está desesperadamente pronto, ele está todo ali, do começo ao fim, ele coincide com ele próprio e é igual a si mesmo.”, assim como Odisseu. Além disso, não há o que ser descoberto, pois ele é completamente exteriorizado, enquanto o protagonista do romance é um sujeito que perde essa distância épica; a sua aparência e seu mundo interior se contrastam sem a harmonia antiga. Ele é um ideólogo e também influenciado pelo caráter inacabado do presente.

A partir de todas essas questões, pode-se inferir, e assim faz Bakhtin (1998), que essas particularidades do romance só poderiam se desenvolver no mundo moderno, ou seja, um lugar aberto à mudanças, ao plurilinguismo e ao presente inacabado. Assim, seu processo de evolução, que começa com a desintegração da distância épica a partir do cômico e da paródia, ainda não está acabado e pede novos estudos por sua complexidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste breve trabalho, exploramos as semelhanças e divergências entre Ulisses e Odisseu, a partir do aspecto da sabedoria. Em primeiro plano, foram discutidas as comparações mais comuns entre esses textos literários dentro dos estudos comparados contemporâneos. Nesse sentido, Ulisses é apresentado como quem seduz ocupando a posição das sereias homéricas, enquanto Lóri precisa dominar

seus instintos como fez Odisseu. Também Ulisses age como Penélope ao esperar Lóri e essa vive uma odisseia interna em paralelo com as aventuras de Odisseu.

Outrossim, foi discutida a sabedoria em diferentes momentos da história, em que foi trabalhado referenciais teóricos relacionados à educação da Antiguidade e da Modernidade. Ademais, a hipótese proposta é que o maior ponto de aproximação e, ao mesmo tempo, de distanciamento entre o Ulisses, de Clarice Lispector, e o Odisseu, de Homero, é a questão da sabedoria, o que foi defendido através de trechos das próprias narrativas à luz da ética aristotélica e da visão weberiana de educação, além do estudo bibliográfico que tange esse tema. Também apresentamos uma breve reflexão a partir de Bakhtin sobre a epopeia e o romance para compreender os modelos de educação enquanto autoconhecimento. Assim, pode-se propor que Ulisses e Odisseu são representações específicas do universo da sabedoria. Vimos, assim, que Odisseu é um personagem fixo que atua, principalmente, movido por um sistema ideal de valores calcado em um modelo de virtude e prudência, já Ulisses se define por uma busca não acabada, duvidosa, e sua incursão na sabedoria se realiza por ser filósofo, ou seja, *filo*, amigo; *sofia*, sabedoria, manifestada em seu ofício de professor. Sua missão é esperar por Lóri pacientemente, de modo que a aprendizagem de ambos os livros está relacionada ao domínio das emoções e impulsos, tendo a razão como guia.

Dessarte, esperamos que esse trabalho seja útil para os pesquisadores desta área, assim como para os interessados em literatura. Há pontos que aqui não puderam ser explorados pela brevidade do trabalho proposto, como uma delimitação ainda maior do conceito de sabedoria, abordagem formal da epopeia e do romance ou a comparação a partir de novos aspectos, o que pode ser o início de outras investigações. Do mesmo modo, é aguardado que mais pesquisas que explorem o aspecto da sabedoria nos personagens Ulisses e Odisseu sejam construídas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Emília. **Para amar Clarice: como descobrir e apreciar os aspectos mais inovadores de sua obra**. 1ª ed. — Barueri, SP: Faro Editorial, 2017.
- ANTUNES, Nayara Teles; ROSA, Dayane de Freitas Colombo; SILVA, Roseli Gall do Amaral da. A Epopeia Odisseia de Homero como Instrumento Formativo: Concepções sobre os Princípios do Herói Grego. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.6, n.12, p.100751-100771, dec.2020.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução e notas de Luciano Ferreira de Souza. São Paulo: Martin Claret, 2015.
- ASSUNÇÃO, Juliana Cristhina Murari. O Conceito de Educação na Grécia Clássica: Uma Reflexão sobre as Epopeias Homéricas. **I Congresso Internacional Schoenstatt de Educação: Abordagens e Inovações Educacionais**, Londrina, 23 a 27 ago. 2016
- AUERBACH, Erich. A cicatriz de Ulisses. *In*: AUERBACH, Erich. **Mimesis**. São Paulo: Editora Perspectiva/ Universidade de São Paulo, 1971.
- BAKHTIN, Mikail. Epos e Romance. *In*: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética. A teoria do romance**. São Paulo: Editora Unesp HUCITEC, 1998.
- BASÍLIO. **Carta aos jovens sobre a utilidade da literatura pagã**. Tradução e notas de Diogo Chiuso. Campinas, SP: Ecclesiae, 2012.
- BÉLENS, Jussara Natália Moreira; DUARTE, Gregório Henrique Silva; SOUZA, Wallace Teodósio. Max Weber e a sociologia compreensiva: a racionalização e a instrumentalização da educação na sociedade capitalista. **VII Encontro da Iniciação à Docência da UEPB**. [S.l]. Disponível em: <https://mail.editorarealize.com.br/editora/anais/enid/2019/TRABALHO_EV134_MD4_SA29_ID239_17102019143210.pdf>.
- BORTOLINI, Rosane Wanderscheer; NUNES, César. A Paideia grega: aproximações teóricas sobre o ideal de formação do homem grego. **Filos.e Educ.**, Campinas, SP, v.10, n.1, p.21-36, jan./abr.2018.
- CAMPELO, Olívia Brandão Melo. A Prudência Aristotélica. **Arquivo Jurídico**, Teresina-PI, v. 1, n. 7, p. 20-40, Jul./Dez. de 2014
- CERQUEIRA, Leonildo. A Sereia Sucumbe ao Navegante: O Mito Residualmente Subvertido em Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres, de Clarice Lispector. **Revista Decifrar**, ano 7, v. 7, n. 14, p. 171-179, 12 jun. 2020.
- COSTA, Tayná. Odisseu e as Sereias Homéricas: O Saber Como Salvação e Perigo. **Revista Garrafa**, v. 16, n. 45, p. 252-260, julho-setembro 2018.
- DUMITH, Denise de Carvalho. Reatualizações do mito de Penélope na literatura brasileira do século XX: entre conservar e transgredir. *In*: DUMITH, D. C. **O Mito de**

Penélope e sua Retomada na Literatura Brasileira: Clarice Lispector e Nélida Piñon. 2012. 298 páginas. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 77-152, 2012.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas.** São Paulo: Ática, 2006.

GUIMARÃES, Ana Maria Agra. Das Inversões e das Reedições dos Papéis de Gênero em Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres, de Clarice Lispector. **Revista Itinerários**, Araraquara, n. 42, p. 51-63, jan./jun. 2016.

HOMERO. **Odisseia.** Tradução e prefácio de Carlos Alberto Nunes. 25ª ed. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

JAEGER, Werner. Nobreza e *arete*. In: JAEGER, Werner. **Paidéia.** Tradução de Artur M. Pereira; adaptação para edição brasileira de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 23-36.

LEWIS, Clive Staples. **Cristianismo puro e simples.** Tradução de Gabriele Gregersen. 1ª ed. — Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou O Livro dos Prazeres.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARTINS, Maria Angélica Seabra Rodrigues. **A Odisseia de Ulisses: O Homem e o Mito.** [S.l.], FAAC-Unesp-Bauru, p. 1-13, [S.l].

MENESES, Adelia Bezerra de. Sereias: sedução e saber. **Rev. Inst. Estud. Bras.** [online], n.75, p.71-93, 2020.

MURARI, Juliana Cristhina; PEREIRA MELO, José Joaquim. A poesia homérica como instrumento educador fundamental na Grécia Antiga. **Seminário de Pesquisa do PPE**, Universidade Estadual de Maringá, p. 1-13, 08 e 09 de Junho de 2009.

PLATÃO. Hípias Menor. In: PLATÃO. **Diálogos II - Górgias (ou Da Retórica); Eutidemo (ou Da Disputa); Hípias Maior (ou Do Belo); Hípias Menor (ou Do Falso).** Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. 2ª ed. — São Paulo: Edipro, 2016.

SELL, Carlos Eduardo. Max Weber e a Sociologia da Educação. **Contrapontos**, Itajaí, ano 2, n. 5, p. 237-250, maio/ago. 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educ. Pesqui.** [online]. 2006, vol.32, n.3, p.619-634.

SOUZA, Wallace Teodosio De et al.. Max weber e a sociologia compreensiva: a racionalização e a instrumentalização da educação na sociedade capitalista. **Anais VII ENID & V ENFOPROF / UEPB...** Campina Grande: Realize Editora, 2019.

WEBER, Max. A “racionalização” da educação e treinamento. *In*: WEBER, Max; GERTH, H.H. (org.); MILLS, Wright (org.). **Ensaio de Sociologia**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora S.A., 1979, p. 277-282.

WERNER, Christian. Os limites da autoridade de Odisseu na Odisseia. **Calíope Presença Clássica**, 2005.